

AGROFINANÇAS

BOVESPA MAIS VERDE

CLÁUDIO GRADILONE E DANIEL POPOV



LANÇAMENTO DE TÍTULOS NO PREGÃO DA BOLSA INAUGURA NOVA ESTRUTURA DE FINANCIAMENTO DO AGRONEGÓCIO

Surgidos em 1994, os títulos financeiros lastreados em operações agropecuárias sempre foram vistos como uma alternativa de financiamento para o agronegócio que não ganhava corpo. Os primeiros papéis a ser regulamentados, os Certificados de Produto Rural (CPR), são garantidos pelos produtos físicos – soja, milho, café ou trigo, por exemplo. Sua circulação é restrita, pois não há muitos investidores interessados em receber, em casa, sacas de grão ou cabeças de gado. Bons CPRs, porém, são disputados pelo mercado financeiro, pois servem de matéria-prima para a estruturação de títulos de diversas for-

mas, prazos e rentabilidades.

Brilhante em teoria, essa estrutura de financiamento vem patinando na distribuição dos títulos, atualmente restrita a clientes abonados de private banks. No entanto, um evento realizado no pregão da BM&FBovespa, no dia 16 de agosto, representa um novo estágio no desenvolvimento desses papéis. Naquela data, Certificados de Recebíveis do Agronegócio, os CRAs, que são títulos puramente financeiros lastreados em atividades agropecuárias, foram oferecidos ao mercado, em uma operação que contou com a participação da Bunge Alimentos, da Syngenta e de quatro distribuidoras de insumos de Mato

Grosso. “É a primeira vez que esses títulos são oferecidos diretamente aos investidores”, diz Ivan Wedekind, diretor da BM&FBovespa, responsável pelos mercados agropecuários. “Esse é um novo instrumento para o produtor, que se juntará a outras alternativas para o financiamento do agronegócio”, diz Pedro Parente, presidente da Bunge Alimentos.

A operação é fácil de entender. Quatro distribuidoras de insumos da Syngenta – Flagril, Sinagro, Agrocar e Agrícola Panorama – emitiram títulos de renda fixa garantidos por CPRs de seus clientes. Esses títulos foram reunidos sob a forma de CRAs por uma companhia de securitização paulista, a Octante, e oferecidos ao mercado. Para as distribuidoras, a vantagem é ter mais fôlego financeiro para conceder crédito ao agricultor. “Isso garante sua fidelidade como cliente”, diz Jaime Binsfeld, diretor-comercial da Flagril. As distribuidoras conso-

mem fertilizantes da Bunge e sementes da Syngenta. “Nossa concorrência é com o produtor de sementes mais baratas, mas que proporcionam uma produtividade menor”, diz David Têlio, gerente de estruturação financeira da Syngenta e responsável pela

CRESCIMENTO EXPONENCIAL

Cada vez mais investidores buscam títulos agrícolas para compor suas carteiras



Fonte: Cetip



Pedro Parente: grupos como a Bunge apostam nos CRAs, lançados na BM&FBovespa para atrair investidores

montagem do negócio. “Com maior fôlego financeiro, o produtor pode comprar as nossas sementes.”

Em si, a emissão foi pequena, tendo captado apenas R\$ 82 milhões. No entanto, as condições foram invejáveis. Os papéis, com três anos de prazo, pagam juros equivalentes a 109% dos juros de mercado medidos pelos Certificados de Depósito Interfinanceiro (CDI) e possuem classificação de risco de crédito AAA pela agência Fitch Ratings. **Há um bônus adicional para o investidor: seu rendimento é isento de imposto de renda, o que garante uma das melhores rentabilidades da praça.** “Essa remuneração com certeza vai atrair mais investidores”, diz Laércio Giampini, diretor-geral da Syngenta. Segundo ele, o potencial de emissão pode chegar a cerca de R\$ 4 bilhões nos próximos anos, à medida que os investidores passem a conhecer e a demandar esses títulos. “O fato de os papéis serem listados no Bovespa Fix, segmento de negociação de títulos de renda fixa da bolsa, garante transparência de preços e favorece a liquidez, que é o que está faltando para esse mercado deslançar.” No caso das negociações realizadas na Cetip, mercado organizado de títulos, as negociações de CRA aconteceram desde 2010 e o volume negociado saltou de R\$ 23 milhões para R\$ 361,7, um crescimento de 1.472%. **■**

AGROFINANÇAS

BOVESPA MAIS VERDE

CLÁUDIO GRADILONE E DANIEL POPOV



LANÇAMENTO DE TÍTULOS NO PREGÃO DA BOLSA INAUGURA NOVA ESTRUTURA DE FINANCIAMENTO DO AGRONEGÓCIO

Surgidos em 1994, os títulos financeiros lastreados em operações agropecuárias sempre foram vistos como uma alternativa de financiamento para o agronegócio que não ganhava corpo. Os primeiros papéis a ser regulamentados, os Certificados de Produto Rural (CPR), são garantidos pelos produtos físicos – soja, milho, café ou trigo, por exemplo. Sua circulação é restrita, pois não há muitos investidores interessados em receber, em casa, sacas de grão ou cabeças de gado. Bons CPRs, porém, são disputados pelo mercado financeiro, pois servem de matéria-prima para a estruturação de títulos de diversas for-

mas, prazos e rentabilidades.

Brilhante em teoria, essa estrutura de financiamento vem patinando na distribuição dos títulos, atualmente restrita a clientes abonados de private banks. No entanto, um evento realizado no pregão da BM&FBovespa, no dia 16 de agosto, representa um novo estágio no desenvolvimento desses papéis. Naquela data, Certificados de Recebíveis do Agronegócio, os CRAs, que são títulos puramente financeiros lastreados em atividades agropecuárias, foram oferecidos ao mercado, em uma operação que contou com a participação da Bunge Alimentos, da Syngenta e de quatro distribuidoras de insumos de Mato

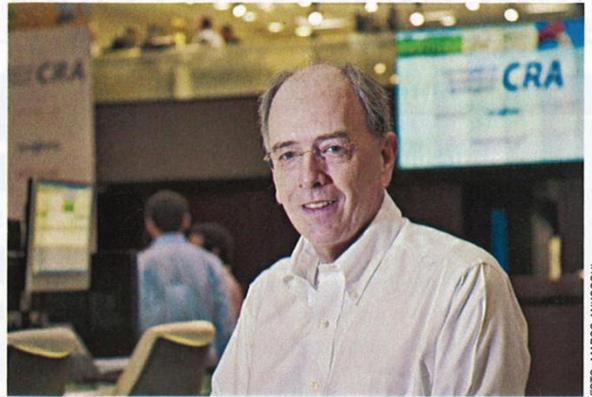


FOTO: MARCO ANKOSQUI

Pedro Parente: grupos como a Bungue apostam nos CRAs, lançados na BM&FBovespa para atrair investidores

montagem do negócio. “Com maior fôlego financeiro, o produtor pode comprar as nossas sementes.”

Em si, a emissão foi pequena, tendo captado apenas R\$ 82 milhões. No entanto, as condições foram invejáveis. Os papéis, com três anos de prazo, pagam juros equivalentes a 109% dos juros de mercado medidos pelos Certificados de Depósito Interfinanceiro (CDI) e possuem classificação de risco de crédito AAA pela agência Fitch Ratings. **Há um bônus adicional para o investidor: seu rendimento é isento de imposto de renda, o que garante uma das melhores rentabilidades da praça.** “Essa remuneração com certeza vai atrair mais investidores”, diz Laércio Giampani, diretor-geral da Syngenta. Segundo ele, o potencial de emissão pode chegar a cerca de R\$ 4 bilhões nos próximos anos, à medida que os investidores passem a conhecer e a demandar esses títulos. “O fato de os papéis serem listados no Bovespa Fix, segmento de negociação de títulos de renda fixa da bolsa, garante transparência de preços e favorece a liquidez, que é o que está faltando para esse mercado deslançar.” No caso das negociações realizadas na Cetip, mercado organizado de títulos, as negociações de CRA acontecem desde 2010 e o volume negociado saltou de R\$ 23 milhões para R\$ 361,7, um crescimento de 1.472%. 

Grosso. “É a primeira vez que esses títulos são oferecidos diretamente aos investidores”, diz Ivan Wedekin, diretor da BM&FBovespa, responsável pelos mercados agropecuários. “Esse é um novo instrumento para o produtor, que se juntará a outras alternativas para o financiamento do agronegócio”, diz Pedro Parente, presidente da Bunge Alimentos.

A operação é fácil de entender. Quatro distribuidores de insumos da Syngenta – Fiagrif, Sinagro, Agrocar e Agrícola Panorama – emitiram títulos de renda fixa garantidos por CPRs de seus clientes. Esses títulos foram reunidos sob a forma de CRAs por uma companhia de securitização paulista, a Octante, e oferecidos ao mercado. Para as distribuidoras, a vantagem é ter mais fôlego financeiro para conceder crédito ao agricultor. “Isso garante sua fidelidade como cliente”, diz Jaime Binsfeld, diretor-comercial da Fiagrif. As distribuidoras conso-

mem fertilizantes da Bunge e sementes da Syngenta. “Nossa concorrência é com o produtor de sementes mais baratas, mas que proporcionam uma produtividade menor”, diz David Têlio, gerente de estruturação financeira da Syngenta e responsável pela

CRESCIMENTO EXPONENCIAL

Cada vez mais investidores buscam títulos agrícolas para compor suas carteiras



Fonte: Cetip